

## **MULHER E MISOGINIA NA VISÃO DA LITERATURA PATRÍSTICA E DO SEU LEGADO MEDIEVAL: REPRESENTAÇÕES TEMÁTICAS**

**Pedro Carlos Louzada Fonseca\***

### **Resumo**

A representação da mulher no pensamento e na literatura medieval ocidental constitui um campo de investigação que, ao examinar suas formações históricas e culturais, constitui-se essencialmente por uma geral disposição androcêntrica sinônima de uma visão misógina da realidade feminina. Da imensa quantidade de textos misóginos medievais são fontes de referência obrigatória os antimatrimoniais *Liber de nuptiis* (Livro sobre o casamento), de Teofrasto (c. 372-288) e *Adversus Jovinianum* (Contra Joviniano), de São Jerônimo (c. 342-420); a não menos virulenta obra pró-celibatarismo de Walter Map (1140-c. 1209), *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage* (A Carta de Valério a Rufino, contra o casamento) (c. 1180) e o mais triste dos livros de sabedoria da Bíblia medieval, o Eclesiástico. Entretanto, se tais obras e autores são uma distinta referência para o pensamento e a literatura medievais misóginas, deve-se considerar que sua tradição encontra-se em textos e autores anteriores, quais sejam, a antiga lei judaica; Hesíodo (c. 750 a. C.); Ovídio (43 a. C.-18 d. C.); Juvenal (princípio do século II); os antigos estudos de fisiologia derogatória do feminino de Aristóteles (384-322 a. C.) e de Galeno (131-201). Em vista desses pressupostos, objetiva esse trabalho uma visão crítico-analítica da formação do ideário da misoginia medieval, desde suas raízes na antiguidade clássica, passando pela tradição judaico-cristã, literatura patrística e seu legado medieval, até a formação não só de um tipo de literatura satírica do feminino escrita no latim medieval, mas também de significativos escritos vernaculares de postura antimulher da tardia Idade Média.

**Palavras-chave:** Literatura medieval. Representação da mulher. Misoginia.

## **WOMEN AND MISOGYNY IN THE VISION OF PATRISTIC LITERATURE AND ITS MEDIEVAL LEGACY: THEMATIC REPRESENTATIONS**

### **Abstract**

The representation of women in Western medieval thought and literature is a field of inquiry that, when examining their historical and cultural formations, consists of a general androcentric disposition synonymous with a misogynistic view of the feminine reality. From the immense number of medieval

---

\* PhD em Literaturas Românicas, Professor Titular de Literatura Portuguesa, Universidade Federal de Goiás, Rua Imbaúba, Q 21, L 9/20 – Goiânia 2, Goiânia, Goiás, 74.663-320, (62) 3205 7117, pfonseca@globo.com

misogynistic texts, these are fundamental references: the anti-matrimonial *Liber de nuptiis* (Book on Marriage), by Theophrastus (c. 372-288) and *Adversus Jovinianum* (Against Jovinian), by St. Jerome (c. 342-420); the no less virulent pro-celibatary work of Walter Map (1140-c. 1209), *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage* (c. 1180) and the saddest of the books of wisdom of the medieval bible, the Ecclesiastic. However, if such works and authors are a distinct reference to misogynistic medieval thought and literature, one should consider that their tradition is found in earlier texts and authors, namely, the old Jewish law; Hesiod (c. 750 BC); Ovid (43 BC-18 AD); Juvenal (early 2nd century); the ancient studies of a derogatory physiology of the feminine of Aristotle (384-322 BC) and Galen (131-201). In view of these presuppositions, this work aims at a critical-analytical view of the formation of the set of ideas of the medieval misogyny, from its roots in classical antiquity through Judeo-Christian tradition, patristic literature and its medieval legacy, to the formation not only of one type of satirical literature of the feminine written in medieval Latin but also of significant vernacular writings of anti-woman posture of the late Middle Ages.

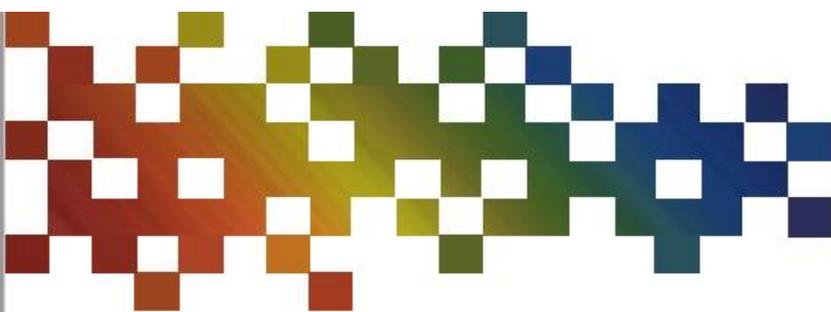
**Keywords:** Medieval literature. Representation of the woman. Misogyny.

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar o fato de que a representação da mulher no pensamento e na literatura da Idade Média constitui, entre os estudiosos da matéria, tanto no nível da pesquisa como no do ensino, um importante campo de investigação. Examinando-se as formações históricas e sócio-culturais dessa representação do feminino, é de se verificar que ela se apresenta constituída por uma forte disposição androcêntrica, a qual se caracteriza por denegrir e mostrar uma visão principalmente misógina da realidade feminina.

Acerca da justificativa do estudo que o trabalho realiza, é de se partir da verificação preliminar de que os infelizes e ultrajantes pronunciamentos misóginos constantes no pensamento e na literatura da Idade Média consideraram, enquanto marcada vertente da mentalidade tradicional da cultura ocidental, a mulher de forma visivelmente preconceituosa e derogatória, negando principalmente o fato de ela ser relevada como portadora de faculdades superiores.

## Desenvolvimento



Da imensa quantidade de textos misóginos produzidos na Idade Média, parece ser de referência e influência clássicas, dada a sua adquirida aura de *auctoritas*, o antimatrimonial tratado intitulado *Liber de nuptiis* (Livro sobre o casamento), de Teofrasto (c. 372-288), com invocada autoridade citado por São Jerônimo (c. 342-420) em seu livro intitulado *Adversus Jovinianum* (Contra Joviniano) (c. 393), no qual o santo dissuade os verdadeiros cristãos do casamento. Seguidamente à obra de Teofrasto, comparecem a não menos virulenta obra antimatrimonial de Walter Map (1140-c. 1209) intitulada *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage* (A Carta de Valério a Rufino, contra o casamento) (c. 1180) e o mais triste dos livros de sabedoria da Bíblia medieval, o Eclesiástico. Para esses autores e obras, como para tantos outros escritos misóginos surgidos na sua esteira, o celibato representava não só a superação da desgraçada vida de casado como também a verdadeira condição de uma vida de excelências morais, intelectuais e espirituais.

Entretanto, se tais obras e autores constituíram-se como distinta referência para o pensamento e para a literatura medievais de natureza misógina, é de se considerar que a sua tradição encontrava-se já iniciada em textos e autores anteriores, os quais se representavam como verdadeiras raízes da misoginia medieval, quais sejam, a antiga lei judaica; Hesíodo (c. 750 a. C.), que já dizia do mal introduzido no mundo através da mulher; Ovídio (43 a. C.-18 d. C.); Juvenal (princípio do século II); os antigos estudos de fisiologia de Aristóteles (384-322 a. C.) e de Galeno (131-201), os quais subestimaram o corpo feminino como deformado e impuro frente à perfeição do corpo masculino, com as suas eficazes propriedades gerativas e intelectivas.

Por uma espécie de habilidosa correspondência analógica, as condenações da natureza e da fisiologia femininas correspondiam a pronunciamentos misóginos instruídos pelo entendimento teológico medieval. Por exemplo, e para se citar aqui talvez o mais influente enciclopedista da Idade Média, Santo Isidoro de Sevilha (c. 570-636), em seu livro intitulado *Etymologiae* (Etimologias), comenta sobre o poder

destrutivo e maléfico do mênstruo, evidenciando assim o perigo da realidade ginecológica. Na patrística medieval, Santo Agostinho (354-430) é um exemplo ilustrativo da preconceituosa corporeidade da mulher. Apesar de ter levado em consideração o que Gálatas 3: 26-28 diz acerca da equivalência teológica dos dois sexos, ainda assim Agostinho considerava a maior predisposição feminina para as solitudes materiais e sensoriais, tidas como perturbadoras da serenidade e da espiritualidade da mente masculina.

Uma das mais urgentes preocupações, especialmente problemática para os Padres da Igreja, foi a questão de a mulher ser considerada apropriada ou não para a companhia dos homens. São Paulo, refletindo sobre o assunto, comenta sobre o empecilho que o casamento e a família poderiam representar não só para a consolidação institucional do cristianismo mas também para o alcance da excelência mental e espiritual do homem. Se essa distração matrimonial e familiar podia ser teoricamente evitada, principalmente entre os mais devotos seguidores religiosos, o que, entretanto, não deixava de os inquietar era o consenso de a mulher ser um repositório de vícios e um lascivo convite ao homem para os descaminhos do pecado. Desse modo, nessa visão essencialmente ultrajante, a mulher, devido ao fato de meramente existir ou cultivar a sua aparência, foi recorrentemente metaforizada como uma mortífera espada desembainhada e um perigoso poço destapado. Essa terrível imagística misógina pode ser conferida, entre outras fontes, em Tertuliano (c. 160-c. 225), em seu livro que trata da aparência das mulheres, e em *The Ancrene Riwe* (Guia para Anacoretas), um tratado anônimo em forma de manual para religiosas reclusas, datado do século XIII ou antes.

Como consequência dessa existência feminina pecaminosa, o tema do impuro e embusteiro olhar da mulher foi frequentemente glosado pelos Padres da Igreja, a exemplo das advertências de São João Crisóstomo (c. 347-407). Marbod de Rennes (c. 1035-1123) começa o seu tratado sobre a meretriz partindo desse perverso tema do olhar da mulher. Enfim, a mulher era para essa tradição misógina medieval um recurso

infeliz, uma perpétua fonte de desavenças e de discórdias, conforme pode ser lido no tratado antimatrimonial intitulado *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, fiel herdeiro dessa e de outras ideias expostas por Ovídio, em seu livro *Amores*, e por Juvenal, em sua glosada *Sátira VI*. Desse modo, a visão dessa disposição embusteira da mulher, não raras vezes considerada agenciada pelo diabo, embasava, entre outras ideias acerca de sua impropriedade para misteres mais responsáveis, a política do monopólio masculino no exercício das atividades religiosas mais representativas da fé e da espiritualidade cristãs.

Outro *topos* da misoginia medieval, que pode ser situado ao lado do traiçoeiro olhar da mulher, era-lhe a atribuição do defeito de ser detentora de uma copiosa e extravagante compulsão para falar, a exemplo do que expõe o livro intitulado *The Wife of Bath* (A esposa de Bath), de Geoffrey Chaucer (c. 1343-1400). Curioso, mas intrinsecamente explicável dentro das premissas do androcentrismo, é o fato notado de que, associada a essa incontinência verbal, encontra-se outra compulsão pela qual o feminino era acerbamente censurado e controlado, qual seja, a sua imputada prodigalidade erótica.

Entretanto, a ascética obsessão de condenar as mulheres de verem e de serem vistas constituiu um intrigante paradoxo bastante em voga no século XII, qual seja, a prática de uma adoração cortês e ideal da mulher concomitante à acerba denegação de sua realidade material. Nesse caso, é de se considerar se esse medo do poder de erotização e de prodigalidade sexual da mulher não se relacionava com um complexo de inferioridade do homem, sendo para a sua autoimagem masculinista simplesmente mais conveniente degradar as mulheres ao nível das mais indecentes criaturas libidinosas. Ideias desse tipo, e de que a luxúria do amor efeminava os homens, aparecem com incrível insistência no pensamento medieval, a exemplo, do que dizem Santo Isidoro de Sevilha, em suas *Etymologiae*; Jehan Le Fèvre (séculos XIV-XV), em seu livro

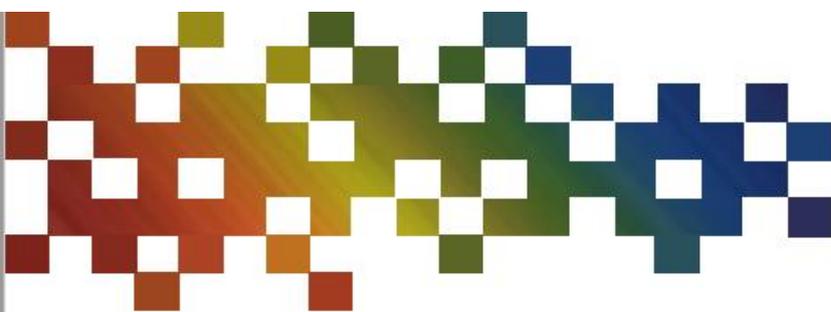


intitulado *Les Lamentations de Matheolus* (As lamentações de Mateolo) (c. 1371-72) e André Capelão (séculos XII-XIII), em seu livro intitulado *De amore* (Sobre o amor).

Esse equacionamento aristotélico da mulher ao corpóreo fazia dela, segundo a ordem política masculinista, apenas suficiente para pequenos bons conselhos e tomadas de decisão imediata. Entretanto, essa opinião nem sempre foi indiscutível e plenamente acatada, conforme pode ser conferido em um dos mais radicais misóginos da tradição satírica no latim medieval, Jehan Le Fèvre, que acabou por ser de opinião, em seu livro intitulado *Le Livre de Leesce* (*O livro de Leesce*), que, talvez, as mulheres fossem mantidas fora das profissões legais precisamente porque os homens temiam os seus talentos marcados por distinta tenacidade e sutileza.

No início deste trabalho, foram mencionadas algumas obras e autores sempre lembrados, em primeira mão, quando se discute a misoginia medieval. Entretanto, a tradição literária nesse terreno era o que se pode chamar de bastante enredada, baseada naquilo que pode ser chamado de *auctoritas*. Entre os Padres da Igreja dos seis primeiros séculos depois de Cristo, *auctoritas* era um extenso conjunto de citações bíblicas que se emparelhavam com citações providas da literatura romana. Entre os escritores de textos misóginos do século XI em diante, *auctoritas* significou extratos da primeira onda de textos misóginos como, por exemplo, o tratado antimatrimonial intitulado *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, o qual foi como que reliberado no século XII; *The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage*, de Walter Map; e o tratado intitulado *De amore*, de André Capelão.

Além disso, para o contexto da misoginia medieval, esse conceito de *auctoritas* podia ainda significar, entre outras fontes menos citadas, (1) nefastos pronunciamentos bíblicos antimulher, principalmente oriundos de Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico; (2) a segunda das narrativas gêmeas da Criação tratada no Gênesis, junto com o relato da Queda e da punição de Eva; (3) certas histórias de celebrados heróis bíblicos que se consentiram no pecado do sexo; (4) as epístolas de São Paulo; (5) máximas ou



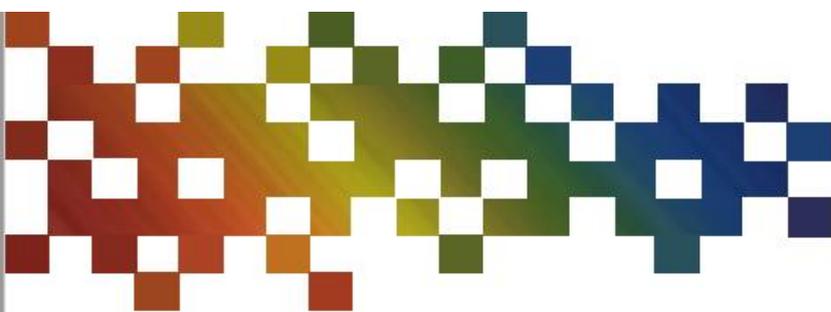
aforismos de Ovídio, Juvenal, Virgílio e outros; e (6) afirmações extraídas, com o correr dos tempos, de escritos de Padres da Igreja.

Uma das peculiaridades retóricas do uso desse *corpus* misógino era a recorrência homogênea e *ad nauseam* de seus exemplos, tornando essa tradição misógina uma intrincada rede de absorventes relações entre textos que tratavam do tema. Não raramente, as citações eram tomadas fora de seu contexto original, aproveitando-se apenas o que interessava do ponto de vista misógino como, por exemplo, as do livro de Provérbios, onde uma citação condenatória de uma mulher má ou estranha era escolhida sem se levar em conta que uma passagem a ela adjacente poderia ser muito bem entendida como um elogio a uma boa mulher. Entretanto, muito mais desconcertante do que essa descontextualização era a manipulação de uma citação de forma a extrapolar o seu sentido no contexto original, ocasionando a difamação da figura feminina. É o caso da parcialidade na condenação de Betsabá, uma vez que a Bíblia não dá a entender que ela propositadamente seduzira o rei Davi, com ele cometendo o pecado do adultério.

Devido a essas corrupções de leituras tomadas à sua fonte original, não é de se estranhar que a misoginia na literatura medieval dá a impressão de ser constituída de um verdadeiro arsenal miscelânico de provérbios e de imprecções bíblicas contra as mulheres, dando a impressão de que os textos que utilizam esse material são excessivamente formulaicos, repetindo vozes ressoantes de incansáveis lugares-comuns.

Além das condenações anteriormente apontadas, era ainda imputado às mulheres o compulsório vício de sempre resmungar, associado a uma incontinência verbal abusiva e licenciosa, própria de uma língua trocista. A ênfase nessas características, além das indicações bíblicas, remonta a São João Crisóstomo que, na sua *Homilia IX*, acerca da Carta de São Paulo a Timóteo, culpou Eva por arruinar tudo, no minuto em que ela abriu a boca no Paraíso.

Comentou-se anteriormente neste trabalho acerca da manipulação das fontes originais da misoginia medieval para fins política e ideologicamente construídos.



Entretanto, a recorrência mais consistente a certos termos, motivos e estratégias narrativas não parece fazer do discurso da misoginia medieval um sistema, com princípios e padrões estruturais presidindo a sua expressão. Não obstante isso, pelo menos uma característica básica pode ser apontada a respeito dos escritos e dos tratados misóginos da Idade Média, a saber, que eles, a exemplo do livro *Les Lamentations de Matheolus*, de Jehan Le Fèvre, foram estruturados de forma extremamente solta, sendo as denúncias e invectivas contra a mulher colocadas numa organização sem coerência lógica de seus argumentos.

Apesar dessa falta de estruturação, alguns modelos tradicionais de escrita foram apropriados pela misoginia medieval. O mais simples deles, derivado provavelmente de Ovídio, foi o modelo de catálogo de exemplos ilustrativos. Esse modelo incluía também a forma de panegírico, em que as boas e virtuosas mulheres bíblicas serviam como contraste, de efeito retórico negativo, para denegrir as más. Outro modelo derivava de Juvenal, da sua conhecida *Sátira VI* que, desaconselhando o casamento, catalogava um rol de mulheres romanas satirizadas por sua inconveniência para o matrimônio. Outro modelo, de forte poder de *auctoritas*, dada a sua severidade ancestral, foi o suposto libelo de Teofrasto acerca da ferrenha e persuasiva dissuasão dos pretendentes ao casamento. Incorporado ao livro intitulado *Adversus Jovinianum*, de São Jerônimo, tecia ardilosos comentários misóginos. Ainda outro modelo consistia no recurso expressivo de reclamação em primeira pessoa utilizado pela linguagem feminina, podendo ser encontrado em partes do poema narrativo sobre a viúva (século XIII), de Gautier Le Leu; em *Les Lamentations de Matheolus*, de Jehan Le Fèvre; e em *Il Corbaccio* (O Corbacho) (c. 1355), de Giovanni Boccaccio (1313-1375). A seleção de referências feitas neste trabalho a propósito da misoginia na Idade Média representa, na realidade, apenas uma sucinta mostra da enorme quantidade de material sobre o assunto.

Um aspecto interessante, que pode ser considerado quando se estuda a prática da misoginia no pensamento e na literatura medievais, é aquele que leva em conta que

muitas vezes essa postura antimulher quis ser reconhecida como um mero jogo que se jogava apenas pelo simples costume ou gosto da denúncia, levando-se à suposição de que a intelectualidade masculinista da Idade Média considerou as fórmulas retóricas da misoginia como uma maneira apropriada para mostrar os seus dotes literários e desportivos. Talvez nenhum escritor da época tenha chegado tão perto dessa conclusão como Jehan Le Fèvre que, após declarar que havia esgotado os seus argumentos lógicos acerca da mulher, ainda assim não conseguiu se isentar de lugares-comuns e símiles cunhados, desde longa tradição, para representar a sua figura. O que vem ainda demonstrar que a prática da misoginia medieval poderia tratar-se de um jogo foram as atitudes de Marbod de Rennes e de Jehan Le Fèvre, os quais, parecendo se exercitarem retoricamente dialéticos, emparelharam argumentos ofensivos e defensivos acerca da mulher.

O caso da misoginia praticada na Idade Média não passar simplesmente de um jogo para o exercício de habilidades retóricas, inocentando assim os seus cultores, apresenta, entretanto, o risco de se subestimar a questão. Embora não se possa negar que existiu, no tratamento da misoginia medieval, um elemento de paixão pelo debate *per se*, também existiu muito de provocação tendenciosa e política nesse debate, para que ele seja considerado como uma coisa não séria ou simplesmente inocente ou jocosa. Nesse caso, basta ser lembrado que, como saldo desse debate antimulher, resultou, entre outras coisas, a incriminação da responsabilidade feminina na Queda e no Pecado Original e, daí, a continuação da exclusão da mulher do serviço e da vida pública.

### **Considerações finais**

O que se comentou até aqui neste trabalho, fazendo jus ao que o seu título propõe, pode dar a impressão de que o pensamento medieval, em se tratando da mulher, primou-se exclusivamente por uma monolítica postura misógina. Pelo contrário, se não perfeitamente concomitante, pelo menos ao lado de uma literatura radicalmente

misógina, existiu uma sua contraparte, ocorrendo em defesa da mulher, constituindo como que respostas àquele tipo de literatura.

Portanto, foi a partir de ultrajantes pronunciamentos dos misóginos medievais que uma reação contrária se haveria de se enraizar. Finalmente, dado o fato de a misoginia medieval parecer ter sido um fenômeno que, intimamente ligado a valores culturais, constituiu, desafortunadamente, a própria mentalidade da Idade Média, o presente trabalho começará por preencher os objetivos de seu autor se ele ajudar a equipar os seus ouvintes para julgarem, por si mesmos, tal assunto.

## Referências

- Ancrene Riwe (The). Tr. M. B. **Salu**. London: Burns & Oats, 1955.
- ANDREAS CAPELLANUS. **Andreas Capellanus On Love**. Ed. and tr. P. G. Walsh. London: Duckworth, 1982.
- ARISTOTLE. **Generation of Animals**. Tr. A. L. Peck. London: Heinemann, and Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.
- BOCCACCIO, Giovanni, **The Corbaccio**. Tr. Anthony K. Cassell. Urbana, Chicago and London: University of Illinois Press, 1975.
- CHAUCER, Geoffrey, **The Wife of Bath's Prologue**. In: \_\_\_\_\_, *The Canterbury Tales*. Tr. David Wright. Oxford: Oxford University Press, 1955, p. 219-39.
- GALEN. **Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body**, ii. Tr. Margaret Tallmadge May. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968.
- GAUTIER LE LEU, The Widow. In: HELLMAN, Robert and O' GORMAN, Richard, **Fabliaux: Ribald Tales from the Old French**. New York: Thomas Y. Crowell Co., 1965.
- GOWER, John, A Lover's Confession. In: \_\_\_\_\_, **The English Works of John Gower**. Ed. G. C. Macaulay. 2 vols., EETS, ES 81. London, 1900, ii, p. 354-5.
- The Holy Bible. Tr. **from the Latin Vulgate, part first published at Douai in 1609, and part at Rheims in 1582**. Belfast, 1852 edn.



ISIDORE OF SEVILLE, **St, Isidori Hispalensis Episcopi: Etymologiarum sive Originum libri xx**. 2 vols. Ed. W. M. Lindsay. Oxford: Clarendon Press, 1962.

JEHAN LE FÈVRE, **Les Lamentations de Matheolus et Le Livre de Leesce**. Ed. A.-C. Van Hammel, 2 vols. Paris: Bouillon, 1982, 1905.

JEROME, St. Against Jovinian. In: \_\_\_\_\_. **The Principal Works of St Jerome**. Ed. P. Schaff and tr. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1892, p. 779-907. Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf206.pdf>>.

JOHN CHRYSOSTOM St, Homily IX. In: \_\_\_\_\_, **The Homilies of S. John Chrysostom on the Epistles of St Paul to Timothy, Titus and Philemon**. Library of Fathers of the Catholic Church. Oxford: John Henry Parker, 1843, p. 69-72.

JUVENAL, Satire VI. In: \_\_\_\_\_, **The Satires of Juvenal**. Tr. Rolfe Humphries. Bloomington: Indiana University Press, 1958.

MAP, Walter, **The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage**. In: \_\_\_\_\_, **De Nugis Curialium, Courtiers' Trifles**. Ed. and tr. M. R. James, ver. C.N.L. Brooke and R. A. B. Mynors. Oxford: Clarendon Press, 1983, p. 287-313.

MARBOD DE RENNES, De meretrice. In: \_\_\_\_\_, **Liber decem capitulorum**. Ed. Rosario Leotta. Rome: Herder, 1984.

OVID, Ovid: **The Erotic Poems**. Tr. Peter Green. Harmondsworth: Penguin, 1982.

TERTULIAN, The Apparel of Women (De cultu feminarum). Tr. E. Quain. In: **Tertulian: Disciplinary, Moral and Ascetical Works**. Tr. R. Arbesman et alii. FOX, xl. New York: 1959.